

Cristianismo e arte: O imaginário Protestante*

Por Lori Altmann**

Resumo:

O presente artigo versa sobre o imaginário artístico luterano. Para tanto, dialoga com autores que estudam a arte religiosa, especialmente a arte cristã. Ao final, analisa o caso específico de uma comunidade luterana no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave:

Arte cristã, arte protestante, luteranismo, iconoclastismo

Introdução

Os lugares de culto, sua arquitetura e a apresentação dos espaços litúrgicos são elementos constitutivos de uma cultura religiosa, étnica e historicamente delimitadas. O que tem me impressionado na maior parte dos templos luteranos é a sua austeridade e simplicidade do ponto de vista de expressão artística. A primeira vista, pode parecer resultado de uma carência do ponto de vista econômico, principalmente em comunidades de área rural, mas ao estudarmos a história da reforma e a teologia luterana percebemos que existem motivações muito mais complexas do que as explicitadas pelas condições econômicas.

Pretendo inicialmente, através do pensamento de Gilbert Durant, retomar a questão do imaginário na sociedade ocidental, no cristianismo e em especial em

* Este texto foi apresentado inicialmente no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia – IEPG, da Escola Superior De Teologia – EST, no I Semestre de 2004, como monografia para a Disciplina Cristianismo e Arte, do Prof. Dr. Armino Trevisan, com o título: O Imaginário Protestante.

** A autora é doutoranda no IEPG, pesquisando atualmente sobre a História da IECLB, na área de concentração de História e Teologia. Mestre em Ciências da Religião pela UMESP e em Antropologia Social pela UFRGS, viveu durante 7 anos entre o povo indígena Kulina do estado do Acre, Amazônia Ocidental Brasileira.

Lutero e na Reforma Protestante. Num segundo momento, buscarei, dentro dos limites de um pequeno trabalho, interpretar um exemplo, não muito comum, de expressão artística luterana, através da arquitetura, de algumas imagens de vitrais e de um crucifixo da Comunidade Luterana de Carazinho/RS, minha comunidade de origem.

1. O imaginário em civilizações com fundamentos pluralistas

Gilbert Durand, em seu livro *O imaginário*, faz uma distinção entre: 1) a imprensa e a comunicação escrita (com sua enorme riqueza de sintaxes, retóricas e todos os processos de raciocínio); 2) a imagem mental (a imagem perceptiva, das lembranças, das ilusões etc.) e 3) a icônica (o figurativo pintado, desenhado, esculpido e fotografado)¹. Nem sempre é possível ou útil fazer esta distinção. Neste texto, no entanto, aceito esta distinção, pois pretendo deter-me mais na terceira forma de expressão do imaginário em especial como foi tratada pela sociedade ocidental e cristã.

Segundo Durand, as civilizações não-ocidentais nunca separam as informações (ou “verdades”) fornecidas pela imagem daquelas fornecidas pelos sistemas da escrita. “Os ideogramas (o signo escrito copia algo num desenho quase estilizado sem limitar-se a reproduzir os signos convencionais, alfabéticos e os sons da língua falada) dos hieróglifos egípcios ou os caracteres chineses, por exemplo, misturam com eficácia os signos das imagens e as sintaxes abstratas. Em contrapartida, antigas e importantes civilizações como a América pré-colombiana, a África negra, a Polinésia etc., mesmo possuindo uma linguagem e um sistema rico em objetos simbólicos, jamais utilizaram uma escrita².

¹ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 5.

² Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 6.

Todas estas civilizações não-ocidentais, em vez de fundamentarem seus princípios de realidade numa verdade única, num único processo de dedução da verdade, num modelo único do Absoluto sem rosto e por vezes inominável, estabeleceram seu universo mental, individual e social em fundamentos pluralistas, portanto, diferenciados. Aqui, toda diferença (alguns mencionam um “politeísmo de valores”³) é percebida como uma figuração diferenciada com qualidades figuradas e imaginárias. Portanto, todo “politeísmo” *ipso facto* é receptivo às imagens (iconófilo) quando não aos ídolos (*eidôlon*, em grego, significa “imagem”). Ora, o Ocidente, isto é, a civilização que nos sustenta a partir do raciocínio socrático e seu subsequente batismo cristão, além de desejar ser considerado, e com muito orgulho, o único herdeiro de uma única Verdade, quase sempre desafiou as imagens. É preciso frisar este paradoxo de uma civilização, que, por um lado, propiciou ao mundo as técnicas, em constante desenvolvimento, de reprodução da comunicação das imagens e, por outro, do lado da filosofia fundamental, demonstrou uma confiança iconoclasta (que “destrói” as imagens ou suspeita delas) endêmica⁴.

2. Iconoclasmo endêmico do Ocidente

Durand toma como ponto de partida a afirmação de que nossa herança ancestral mais antiga e incontestável é o monoteísmo da Bíblia⁵. A proibição de criar qualquer imagem, “*eidôlon*”, como um substituto para o divino encontra-se impressa no segundo mandamento da lei de Moisés, localizada em Êxodo 20.4-5:

Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima dos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso, que

³ Famosa expressão do sociólogo alemão Cf. Max WEBER, *Ensaio de Sociologia*, p. 90.

⁴ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 7 e nota n. 4 H. CORBIN, *Les Paradoxes du monothéisme* (Os paradoxos do monoteísmo), L’Herne, 1981.

⁵ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 9.

visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira geração daqueles que me aborrecem. (Êxodo. 20.4-5)

Podemos constatar ainda, que foi enorme a influência do Judaísmo sobre as religiões monoteístas que dele se originaram, como o Cristianismo e o Islamismo. O método da verdade, oriundo do socratismo, baseado em lógica binária (com apenas dois valores: *um* falso e *um* verdadeiro) esteve unido desde o início a esse iconoclasmo religioso, vindo a tornar-se, com a herança de Sócrates, e em seguida de Platão e Aristóteles, o único processo eficaz para a busca da verdade. Lógico que, afirma Durand:

(...) se um dado da percepção ou a conclusão de um raciocínio considerar apenas as propostas “verdadeiras”, a imagem, que não pode ser reduzida a um argumento “verdadeiro” ou “falso” formal, passa a ser desvalorizada, incerta e ambígua, tornando-se impossível extrair pela sua percepção (sua “visão”) uma única proposta “verdadeira” ou “falsa” formal. (...) A imagem pode se desenrolar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma “realidade velada” enquanto a lógica aristotélica exige “clareza e diferença”.⁶

Durand menciona com surpresa, que a partir do século 8, a questão das imagens tenha se colocado com grande precisão na região mais helenizada da cristandade: O Oriente bizantino (a Igreja ainda não se separara de Roma e do Papa) que estava ameaçado tanto espiritual quanto materialmente pela invasão muçulmana. “Os imperadores de Bizâncio, sob o pretexto de enfrentar a pureza iconoclasta do Islã ameaçador, destruirão, durante quase dois séculos (730-780 e 813-843), as imagens santas guardadas pelos monges que acabarão perseguidos como idólatras”. Apesar disso, diz Durand, os iconólatras acabaram triunfando⁷.

O autor menciona ainda a escolástica medieval como outro momento da construção da base sólida do iconoclasmo. Faz referência a Galileu e Descartes, que

⁶ G. DURAND, O imaginário, p. 9 e 10.

⁷ Cf. G. DURAND, O imaginário, p. 11.

muito mais tarde, fundaram as bases da física moderna e o terceiro momento do iconoclasmo ocidental⁸. O início do quarto momento do iconoclasmo ocidental ocorre com o empirismo factual e com os nomes de David Hume e Isaac Newton. Cita ainda o cientificismo e o historicismo como duas filosofias que desvalorizarão por completo o imaginário, o pensamento simbólico e o raciocínio pela semelhança, isto é, a metáfora. Vigora então, a suspeita, o recalçamento e a depreciação sobre a imagem e as obras de arte serão expulsas da terra firme da ciência⁹.

Conclui, no entanto, retificando que:

Todavia, esta consolidação exclusiva de um “pensamento sem imagem”, de uma rejeição – da natureza e de tantas civilizações importantes – dos valores e poderes do imaginário em prol dos esboços da razão e da brutalidade dos fatos encontrou muitas resistências no próprio Ocidente.¹⁰

O autor chama a atenção ainda para a existência de uma corrente dupla poderosa e contínua do iconoclasmo ocidental e da afirmação do papel “cognitivo” da imagem.

3. Imaginário no período da Reforma

Durand, ao se referir ao humanismo do Renascimento (séc. XV), menciona duas estéticas da imagem, a de Bizâncio e da cristandade de Roma, que segundo ele, desenvolveram-se em sentido inverso. Bizâncio concentra-se na figuração e na contemplação da imagem do homem transfigurado pela santidade, da qual Jesus Cristo é o protótipo vivo, São Francisco de Assis e uma Roma pontifical introduziram a “senhora” natureza nas pinturas. Os países celtas mergulharão nessa opção, pois a mentalidade de sua antiga cultura investia-se do culto e das mitologias das divindades da floresta, do mar, das tempestades... Ocorre um efeito perverso

⁸ Cf. G. DURAND, O imaginário, p. 11 e 12.

⁹ Cf. G. DURAND, O imaginário, p. 14 e 15.

¹⁰ G. DURAND, O imaginário, p. 15 e 16.

duplo: o culto à natureza vai apagando cada vez mais a imagem humana e facilitando o retorno das divindades elementais e antropomórficas dos antigos paganismos¹¹.

A Reforma Luterana, sobretudo a dos seus sucessores, como Calvino, representa uma ruptura e combaterá a estética da imagem e a extensão do sacrilégio do culto aos santos. O iconoclasmo traduz-se nas destruições das estátuas e dos quadros. Este iconoclasmo, no meio protestante, no sentido de “destruição de imagens”, diminui de intensidade com o culto às Escrituras e também à música¹².

Lutero, que também era músico, colocava a Senhora Música imediatamente depois da teologia!¹³ Armino Trevisan identifica, o campo da música, como um dos frutos artísticos mais importantes da teologia de Lutero. Diz ainda que “o reformador não mostrou particular interesse pelas artes plásticas, embora não as tenha desprezado”¹⁴. Acrescenta ainda que a sensibilidade protestante seria de *reclusão*, significando que tende a buscar sua força na comoção centrípeta e é apegada aos valores da intimidade, tendo Agostinho como inspirador¹⁵.

Paul Tillich, teólogo protestante, mostra o expressionismo como um estilo adequado à cosmovisão protestante, embora seja um estilo apto para toda arte religiosa, pois exprime a “negatividade da condição humana”¹⁶.

Durand chama a atenção para a pureza iconoclasta dos lugares de oração protestantes dos quais as imagens visuais – quadros, estátuas e santos – foram expulsos. Em contraposição destaca a imensa exegese musical e poética da obra de Johann Sebastian Bach (1685-1750), referido como “o maior compositor protestante”... “músico e protestante tardio da Reforma, manteve intactas a inspiração e a teoria

¹¹ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 20 e 21.

¹² Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 21 e 22.

¹³ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 22.

¹⁴ A. TREVISAN, *O rosto de Cristo*, p. 208 e 209.

¹⁵ Cf. A. TREVISAN, *O rosto de Cristo*, p. 213.

¹⁶ P. TILLICH, *Teologia de la cultura y otros ensayos*, p. 66 – 72.

estética de Lutero”. Textos e músicas de suas duzentas cantatas e “Paixões” são testemunhas da existência de um “imaginário” protestante de grande profundidade¹⁷.

A posição de Lutero quanto às representações religiosas pode ser identificada através de um trecho de uma carta intitulada: *Outra vez os profetas divinos das imagens e sacramentos*:

É melhor que se pinte nas paredes, como Deus criou o mundo, como Noé construiu a Arca, e outras belas histórias, do que quaisquer outras mundanamente vulgares. Ah, quisera Deus que soubesse convencer os Senhores e Ricos para que pintassem a Bíblia inteira por dentro e por fora das casas, para que todos pudessem ver. Isso seria uma obra fielmente cristã.¹⁸

O imaginário protestante, segundo Manuel Lopes, não se esmerou em preservar o desejável equilíbrio entre palavra e imagem, mas ficou voltado para o texto literário ou musical. Para o discurso da expressão oral (sermões) e para a acústica (hinos)¹⁹.

A Contra-Reforma da Igreja Romana iria justamente numa atitude oposta a decisão iconoclasta dos Reformadores, chegando mesmo, num primeiro momento, a suspeitar da “onipresente Senhora Música no ofício luterano”²⁰. Mas, segundo Durand, será a imaginária sacra das imagens carnis da Santa (ou Sagrada) Família “jesuítica” (Jesus, Maria e José), dos santos Doutores e Confessores da Igreja que se oporá ao imaginário “espiritual” protestante do culto.

Continua o autor:

¹⁷ Cf. G. DURAND, O imaginário, p.23.

¹⁸ Cit. por DREBES, In A educação na dimensão do Reino de Deus desvelada em obra pictórica de Lucas Cranach, p.46. Dissertação inédita de Mestrado, São Leopoldo, EST, 2000.

¹⁹ Manuel Lopes é jornalista e professor de Ciências da Comunicação. Membro da Primeira Igreja Batista de Madri. Cf. Serviço de Notícias ALC, Madri, 23 de outubro de 2003. Correo-e: director@alcnoticias.org. Página web: <http://www.alcnoticias.org/portugues>

²⁰ G. DURAND, O imaginário, p. 23.

Com a codificação do famoso Concílio de Trento, no século 16, o triunfo da Contra-Reforma pode ser considerado como o terceiro grande momento da resistência ao iconoclasmo no Ocidente. A partir de agora, esta resistência possui um alvo preciso. Ela oporá aos excessos da Reforma os excessos inversos da arte e da espiritualidade barrocas.²¹

A Contra-Reforma irá exagerar o papel espiritual atribuído às imagens e ao culto aos santos como uma contraposição ao imaginário protestante voltado para o texto literário ou musical.

4. Exemplo de Imaginário protestante em uma comunidade luterana

Apresento a seguir algumas imagens que dizem respeito à Igreja de Cristo situada na cidade de Carazinho/RS, inaugurada em 06/11/1949. A partir da observação da arquitetura, dos vitrais, do crucifixo e da certidão de batismo de 02/06/1929, podemos identificar aspectos da própria teologia luterana.

A Igreja de Cristo de Carazinho foge um pouco desta “pureza iconoclasta dos lugares de oração protestantes dos quais as imagens visuais – quadros, estátuas e santos – foram expulsos”. Os seus vitrais à direita, à esquerda e aos fundos, atrás do altar são verdadeiras obras de arte representando todas elas cenas bíblicas de um colorido e luminosidade que sempre me impressionaram desde criança. Na foto a seguir, aparecem os dois vitrais atrás do altar. Um representando a sagrada família – Jesus, Maria e José – com destaque para Jesus menino ao centro da imagem. O outro representando a ressurreição de Cristo numa imagem impressionante. Entre os dois vitrais, bastante incomum em locais de culto luterano, aparece a cruz com o Jesus Crucificado. O mais comum nas igrejas luteranas é a presença da cruz vazia, cuja ausência de corpo, aponta para a centralidade da ressurreição de Cristo na Teologia Luterana.

²¹ G. DURAND, O imaginário, p. 24.

A reprodução de cenas bíblicas nos vitrais apresenta-se coerente com a importância do texto bíblico na tradição Luterana e expressaria uma forma de testemunho visual da mesma mensagem pregada no púlpito e expressa na hinologia, através da música. Pois como foi citado anteriormente neste texto, Lutero disse:

É melhor que se pinte nas paredes, como Deus criou o mundo, como Noé construiu a Arca, e outras belas histórias, do que quaisquer outras mundanamente vulgares. Ah, quisera Deus que soubesse convencer os Senhores e Ricos para que pintassem a Bíblia inteira por dentro e por fora das casas, para que todos pudessem ver. Isso seria uma obra fielmente cristã.²²

Cabe aqui mencionar que, se por um lado, não se registrou o nome do artista nos vitrais e na memória da comunidade, abaixo de cada janela ficou gravado para a posteridade o nome da família que a financiou.

Conclusão

A Reforma Luterana, sobretudo a dos seus sucessores, como Calvino, representa uma ruptura e combaterá a estética da imagem e a extensão do sacrilégio do culto aos santos. O iconoclasmo traduziu-se historicamente nas destruições de estátuas e de quadros. Este iconoclasmo, no meio protestante, no sentido de “destruição de imagens”, diminui de intensidade no que diz respeito a um certo culto às Escrituras e também à música.

As manifestações religiosas sempre foram consideradas como provas da principal faculdade de simbolização do ser humano. No Ocidente, porém, tanto o domínio do religioso como do profano passaram pelas mesmas perversões positivistas e materialistas. Movimentos de dessacralização e secularização atingiram

²² Cit. por DREBES, In A educação na dimensão do Reino de Deus desvelada em obra pictórica de Lucas Cranach, p.46. Dissertação inédita de Mestrado, São Leopoldo, EST, 2000.

em cheio a teologia. Apenas recentemente alguns setores da teologia ocidental conseguiram se libertar das tentações modernistas e iconoclastas²³.

Eliade mostra que em todas as religiões, mesmo nas mais arcaicas, há uma organização de uma rede de imagens simbólicas coligidas em mitos e ritos que revelam uma trans-história por detrás de todas as manifestações da religiosidade na história. A “história das religiões” revela a perenidade das imagens e dos mitos fundadores do fenômeno religioso²⁴.

A relação que o cristianismo estabeleceu com as imagens apresenta seus altos e baixos, valorização e rejeição, no entanto o cristianismo, mesmo na sua expressão protestante, deixou uma rica contribuição à história da arte nas suas diferentes formas de expressão, caracterizando as diferentes fases da história do imaginário.

Referências

DREBES, *A educação na dimensão do Reino de Deus desvelada em obra pictórica de Lucas Cranach*, p. 46. Dissertação inédita de Mestrado, São Leopoldo, EST, 2000.

DURAND, Gilbert. *O imaginário*. Ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 2 a ed.- Rio de Janeiro : DIFEL, 2001. 128 p. (Col. Enfoques. Filosofia). ISBN 85-7432-003-X

SCHÜTZ, Werner. *A caminhada de um século–1900–2000* – Documentário sobre a IECLB em Carazinho – RS. Brasil, Gr. Sanini, 1999.

TILLICH, Paul. *Teologia de la cultura y otros ensayos*. Buenos Aires: Amorrortu Ed. S.C.A, 1974.

TREVISAN, Armindo. *O rosto de Cristo*. A formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: AGE, 2003.

_____. *Como apreciar a arte*. Porto Alegre: Unipron, 1999.

_____. *A poesia na Bíblia: Os mais belos textos poéticos do Antigo e do Novo Testamento*. Porto Alegre: Unipron, 2001.

²³ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 72 e 73.

²⁴ Cf. G. DURAND, *O imaginário*, p. 73 e 74.

Protestantismo em Revista

Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 07, mai.-ago. de 2005 – ISSN 1678 6408

_____. *A sombra luminosa*. Ensaios de estética cristã. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *O canto das criaturas*. Uma biografia lírica de São Francisco de Assis. Porto Alegre: Unipron, 1998.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.